



Urbano Bettencourt

Helena Chrystello: uma homenagem em jeito de evocação breve

É sempre motivo de satisfação verificar que pessoas com quem nos cruzámos foram capazes de traçar um percurso de vida susceptível de merecer o reconhecimento público, pelo empenhamento e dedicação a uma causa, a uma profissão, muito para lá dos «serviços mínimos» exigidos a qualquer «funcionário». Assim foi com a professora Helena Chrystello, falecida em Janeiro deste ano.

E, correlativamente, é também gratificante ver que a Escola em que ela cumpriu uma boa parte da sua vida profissional soube manifestar o seu reconhecimento, chamando a atenção da comunidade escolar para o contributo que Helena Chrystello deu para a formação de alunos, para a construção de um espaço de saberes e desenvolvimento humano. Como escreveu, um dia, o poeta açoriano Pedro da Silveira, «quem honra honra-se.»

Devo, por isso, agradecer o convite para participar nesta homenagem que a Escola Básica e Integrada da Maia presta a uma sua antiga professora.

Mas não posso ignorar que estou, mais uma vez, numa Escola que «frequento» há bastante tempo, onde sou sempre muito bem acolhido e aonde venho com imenso prazer (uma vez ou outra com alguma ansiedade, porque se chega sempre com um propósito, um tema pré-definido, mas sem saber como reagirá o público a que nos dirigimos). E também não posso ignorar que esses convites partiram de sugestões da Helena ou a propósito de actividades desenvolvidas por ela, mais tarde também em colaboração com o seu colega Telmo R. Nunes.

Daquilo que me ficou dessas experiências, gostaria de destacar o gosto da Helena em ensinar, em fazer do ensino uma abertura para a palavra, para a cultura, para o mundo. E, sem menosprezar outras ocasiões, queria destacar aqui um encontro que, em 2020, a Helena e o Telmo me prepararam com alunos do 5.º ano, um nível etário e escolar com que eu nunca trabalhara. Foi um encontro surpreendente pelo nível de preparação dos alunos, pelo seu desembaraço e à-vontade, ainda naquela idade em que a literatura passa mais pelo coração do que pelos manuais de teoria da literatura. Nesse Fevereiro, a pandemia já andava por perto e o projecto de escrevermos, eles e eu, sobre esse encontro só viria a concretizar-se mais tarde.

Gostava ainda de referir o papel da Helena na «sua» causa (sua e do marido Chrys Chrystello) dos Colóquios da Lusofonia, lugar de divulgação da literatura, da cultura, espaço de troca de ideias e saberes sobre um património que tem como elo comum a língua portuguesa, nas suas modulações diversas. Quem passou nos Colóquios (e eu não participei neles desde o início) pôde testemunhar a presença activa da Helena em vários domínios e sobre eles deixando a marca da sua afabilidade de trato e a sua disponibilidade permanente.

E é também a propósito de disponibilidade e divulgação que eu chamaria a atenção para o labor da Helena na organização de antologias literárias, colectâneas que tiveram o dom de colocar sob o olhar do leitor interessado, e de alunos também, vários conjuntos de textos autorais, em português ou em edição bilingue, com isto facilitando a ultrapassagem de barreiras linguísticas e geográficas: *An-*

tologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos (Calendário das Letras, 2011; em parceria com Rosário Girão, da Universidade do Minho) ou *9 poetas 9 Línguas* (Letras Lavadas, 2023, apresentado na Ribeira Grande, no decurso do 38.º Colóquio da Lusofonia) são dois bons exemplos; no último caso, Helena Chrystello reuniu oito tradutores que «transpuseram» nove poetas açorianos para oito línguas estrangeiras: alemão, castelhano, esloveno, francês, inglês, italiano, neerlandês e tétum.

Vendo bem, todo esse trabalho de selecção, organização e edição, realizado na margem da actividade lectiva, mas em íntima ligação com ela na sua dimensão formativa e pedagógica, não pode deixar de ser considerado um verdadeiro «serviço público» prestado ao ensino, à cultura e à literatura dos Açores.

Escola Básica e Integrada da Maia



Sessão de fevereiro de 2020, referida no texto

Filme «Clandestina» de Maria Mire em exibição na Lagoa

No âmbito das comemorações dos 50 anos do 25 de Abril no concelho de Lagoa, a Câmara Municipal de Lagoa, através do Serviço de Educação e Cultura, em parceria com o Plano Nacional das Artes, irá promover a exibição do filme «Clandestina» de Maria Mire, hoje, 6 de Abril, pelas 21h00, no cineteatro lagoense Francisco d'Amaral Almeida.

O filme, produzido pela Terratreme, é baseado no livro «Memórias de uma falsificadora - A Luta na Clandestinidadade pela Liberdade em Portugal» de Margarida Tengarrinha, e constitui um documento que permite dar a conhecer melhor a estrutura de resistência ao regime fascista do Estado Novo em Portugal, a partir da experiência narrada de uma jovem artista que mergulha na rede clandestina do Partido Comunista Português. O filme estreou no festival Doclisboa, Festival Internacional de Cinema, 2023.

Para além da projecção do filme, todos os que marcarem presença neste evento

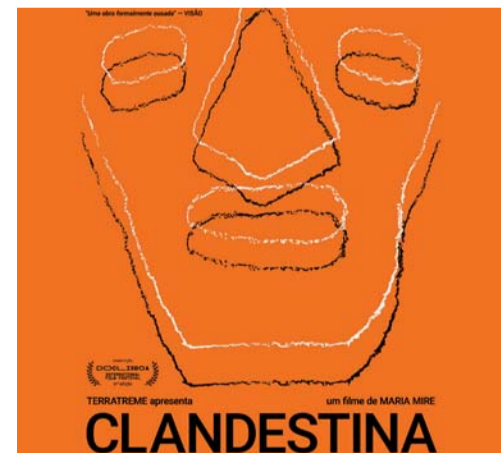
na Lagoa poderão conhecer a realizadora do filme que falará após a exibição, permitindo uma conversa com os presentes. O filme é dirigido a maiores de 12 anos e a sua exibição é de entrada livre e gratuita.

No dia 12 de Abril, haverá a projecção do filme «Clandestina» numa sessão dirigida a alunos das escolas do concelho, no cineteatro lagoense Francisco d'Amaral Almeida, com o objectivo de dar a conhecer aos mais jovens a realidade do que foram os movimentos de resistência ao regime fascista e todo o ambiente que se viveu na altura do Estado Novo. Nesta sessão, marcará presença Maria Emanuel Albergaria do Plano Nacional das Artes.

Maria Mire nasceu em Maputo, em 1979. Neste momento, vive e trabalha em Lisboa. O trabalho artístico e de investigação que desenvolve é sobretudo centrado nas questões da percepção da imagem em movimento. Em 2016, terminou o Doutoramento em Arte e Design, pela Faculdade de Belas Artes da Universida-

de do Porto, com a tese «Fantasmagorias: a imagem em movimento no campo das Artes Plásticas». É professora e responsável do Departamento de Cinema/ Imagem em Movimento do Ar.Co. Colabora, igualmente, no PhD em Arte dos Media e Comunicação da Universidade Lusófona, assim como no Mestrado de Artes do Som e da Imagem da Escola Superior Artes e Design de Caldas da Rainha. Integrou diversos projectos artísticos colaborativos, dos quais se destacam o Colectivo Embankment, Plataforma Ma ou Patê Filmes. Tem desenvolvido diversos projectos colaborativos de crítica e especulação artística com Aida Castro. Realizou o filme «Parto sem dor», que integrou a selecção oficial do INDIELISBOA 2020, e do Festival Caminhos do Cinema Português, Selecção Outros Olhares 2020, assim como a edição do PORTO FEMME - International Film Festival, onde recebeu o Prémio de Melhor Documentário da Competição Nacional.

De referir que esta iniciativa se insere



no programa que a Câmara Municipal de Lagoa tem preparado no âmbito das comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, tendo já realizado duas actividades no mês de Março, uma inserida nas Comemorações do Dia da Mulher, outra com a presença do fotoperformista Alfredo Cunha e com um momento musical a cargo do Grupo de Cantares Tradicionais de Santa Cruz.